

Elizabeth Adler

REGRESSO A ITÁLIA

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

1

Lamour Harrington

VIVO SOZINHA HÁ DOIS ANOS, NÃO PERMITINDO sequer que um cão ou um gato interfiram na minha solidão. A minha amiga Jammy Mortimer, que conheço desde criança, diz que estou a ficar esquisita.

– Toda esta solidão não te faz bem – declara com a sua habitual franqueza. – Vais acabar uma reclusa gorda e excêntrica, recusando abrir a porta de casa até a mim.

Claro que não é verdade, a minha porta está sempre aberta para Jammy. Mas, no que se refere ao peso, tenho de admitir que emagreci ainda mais nos últimos meses. Tenho uma vida muito atarefada, quero dizer, durante o dia, e comer é um hábito que pareço estar a perder. Trabalho como arquiteta paisagista, levando beleza à casa das outras pessoas, criando «salas» exteriores, algumas pequenas e odoríferas, outras desordenadas e bravias, mas sempre realçadas por um curso de água, a ondulação de um regato com seixos, uma simples fonte. Adoro transformar terrenos áridos com coisas vivas: relva, arbustos, flores, árvores. Mas gosto sobretudo de árvores. Às vezes pergunto-me o que seria a vida sem elas.

Agora que penso nisso, seria como a minha própria vida, árida e vazia desde que perdi Alex, o meu marido, num desastre de automóvel há dois anos. Foi a segunda vez na minha vida

que perdi um homem que amava num acidente trágico. A primeira aconteceu quando o meu pai morreu num misterioso incidente num barco tinha eu apenas dezassete anos.

Acredito que nunca se consegue recuperar do sofrimento de sermos separados violentamente de um ser amado no espaço de apenas alguns segundos, tendo depois de enfrentar o puro terror de continuar sem ele. O meu marido era o meu amor, o meu melhor amigo, o meu companheiro. «Tens de recompor-te e continuar com a tua vida», aconselharam-me os amigos passados alguns meses. E eu tentei. Voltei ao trabalho sim, mas, de algum modo, nunca mais aprendi a «divertir-me».

Sentada aqui, no vigésimo andar, no meu ninho urbano em Chicago, com vista para o lago cinzento fustigado por rajadas de vento, com uma chávena de café a arrefecer quase esquecida na mão, penso na felicidade e tento recordar como era. No pequeno terraço, os meus ficus anões tremem na brisa gélida, relembro-me os limoeiros bem tratados na costa amalfitana de Itália, sequestrados no inverno nas suas estufas acolhedoras, emergindo de novo na primavera com uma explosão de flores tão odoríferas que nos cortavam a respiração.

E, muito de repente, porque não penso nisto, de forma consciente, há imenso tempo, recordo o meu pai, Jonathon Harrington, que me chamou Lamour em homenagem à sua bela mas volúvel bisavó de Nova Orleães, e relembro a época em que me levou a viver com ele em Roma enquanto escrevia o seu romance.

Ia ser um êxito, de certeza, afirmou. Como poderia não o ser quando o escrevia numa cidade repleta de história, cultura e sexo? Na realidade, não pronunciou a palavra *sexo*; no fim de contas, eu só tinha sete anos. Creio que usou a palavra *sensualidade*, embora eu também não soubesse o que isso significava. E, mais tarde, para minha surpresa, porque para mim era apenas o meu pai, o romance foi mesmo um grande êxito, o que contribuiu, em grande medida, como ele disse, para suprimir a dor de toda aquela experiência da escrita.

Mais uma vez, não percebi o que ele queria dizer, pois parecia passar alegremente a maior parte do tempo no bar da *piazza* perto do nosso apartamento. Não vivíamos num desses lindos *palazzi* renascentistas cujas fachadas esculpidas decoram as melhores ruas de Roma e cujos interiores cheios de soalhos e lambrins de madeira, dourados e espelhos, abrigaram romanos ricos durante séculos. A nossa casa ficava no último andar de um edifício velho com o reboco a pelar, canalizações rebeldes e instalação elétrica possivelmente perigosa no que era ainda o bairro operário de Roma conhecido como Trastevere. E, para uma miúda de sete anos à solta nas suas praças e vielas empedradas, era o paraíso.

Quando desembarcámos do voo da Alitalia para o sol quente do verão em Roma, o meu pai, Jonathon Boyland Harrington, de Atlanta, na Geórgia, disse-me que dali em diante lhe chamasse Jon-Boy em vez de papá, pensando que isso me faria sentir mais crescida e a ele, suponho, mais um «escritor do sul» e menos um pai solteiro. Era esse papel que desempenhava desde os meus três anos, quando me viera buscar, e tínhamos deixado a minha mãe por causa, explicou-me, da «bebida e borgas». Mais uma vez, eu não tinha bem a certeza do que significava a palavra *borgas*, mas, apesar da minha tenra idade, sabia tudo sobre o vício da bebida da minha mãe.

– Nunca vou beber nem andar em borgas, Jon-Boy – assegurei-lhe naquele dia no aeroporto de Roma.

Ele lançou-me aquele sorriso enigmático e arquear de sobrancelha preta que o tornavam mais do que bem-parecido e retorquiu:

– Podes crer que não, miúda; as mulheres italianas não se comportam dessa maneira.

O que, calculei, significava também que dali em diante me deveria considerar italiana, pelo menos durante o tempo que permanecêssemos naquele país.

Vivíamos no centro de um labirinto de ruas estreitas, sinuosas e escondidas, na realidade mais semelhantes a vielas, com

edifícios altos e finos amontoados de ambos os lados. A pedra antiga e cinzenta aparecia nos sítios onde séculos de reboco pintado de cores diferentes se descascara e havia sempre roupa pendurada em cima a secar: camisolas interiores imaculadas, toalhas de mesa coloridas e lençóis branquíssimos. Lá em cima, nos telhados, vislumbravam-se pequenas árvores raquíticas e arbustos a brotar por entre as antenas de televisão. As vielas cheiravam a gatos e a café acabado de moer, a roupa lavada e ao calor a reverberar da pedra.

A minha nova vizinhança estava longe de ser glamorosa, era apenas «caseira e simples», de uma forma estrangeira. Ficava sem dúvida a anos-luz da rua suburbana com relva aparada a que chamara casa durante a maior parte da minha curta vida e onde os aromas eram sobretudo de pipocas com manteiga ou de relva acabada de cortar. Estes cheiros romanos eram novos e excitantes.

A minha viela chamava-se vicolo del Cardinale, embora não acredite que nenhum cardeal verdadeiro vestido de vermelho tivesse vivido sequer perto da zona. Talvez tivesse dado só um passeio por ali e o nome pegara. Eu saía sempre cedo para o meu *vicolo*, acenando para as minhas novas amigas às janelas das suas minúsculas cozinhas ou já de regresso do mercado e, nesse caso, compreendia que dormira demasiado.

Estas mulheres sabiam, através dos boatos que se propagavam com rapidez, que eu não tinha mãe e, como geralmente eu andava sozinha, vigiavam-me. Perguntavam-me sempre onde ia e abanavam as cabeças em sinal de desaprovação quando lhes contava que não frequentava a *scuola elementare* e que Jon-Boy me dava aulas em casa. Mas, mesmo assim, gostavam dele. Como poderia ser de outra forma? Ele era a personificação do Mr. Charme e arranjava sempre tempo para conversar com elas.

Com os seus vestidos pretos, sapatos também pretos rasos e rostos amáveis e sulcados de rugas eram todas avós para mim. Comia massa caseira nas suas cozinhas, admirava fotografias

dos seus filhos crescidos e dos seus «verdadeiros» netos e prometia portar-me sempre bem para um dia poder casar com alguém assim e dar a Jon-Boy um neto seu. «Isso vai ajudá-lo», diziam, acenando satisfeitas por terem resolvido os nossos problemas familiares de forma tão simples. Quem me dera que tivessem.

De qualquer maneira, na viela, de manhãzinha, com a cara salpicada à pressa com água, uma escovadela de dentes precipitada e o meu cabelo comprido e escuro numa trança grossa desastrada a baloiçar entre as omoplatas, sentia pela primeira vez a força inebriante da liberdade ao seguir o aroma doce e penetrante do café acabado de moer e dos pãezinhos com açúcar até que a viela alta e cheia de sombras irrompia na *piazza* numa deflagração de atividade e luz do Sol.

O jornaleiro já montara a sua venda e uma carrinha entregava os jornais da manhã e as revistas desportivas, que, junto com as palavras cruzadas italianas, davam a impressão de constituir a maior parte da sua mercadoria. Quase logo atrás dele, separado por algumas pequenas mesas com cadeiras de metal que raspavam nas lajes irregulares com um chiado horrível sempre que alguém se sentava, ficava o bar Marchetti, já com alguns clientes do sexo masculino encostados ao balcão. Com um pé no varão de latão, folheavam as notícias da manhã ao mesmo tempo que engoliam um café expresso cheio de açúcar.

Do outro lado da rua, no seu pequeno quiosque de madeira, Adriana, a vendedora de flores, acenava-me com a mão por trás de um monte de flores multicoloridas e eu fazia um desvio rápido da minha rota predefinida para o bar só para receber o seu beijo rápido. Adriana enfiava-me um cravo cor de rosa na trança e perguntava, ansiosa, quando ia começar a frequentar a escola como uma criança normal. Eu assegurava-lhe que Jon-Boy me ia dar uma aula de matemática nessa tarde. É claro que isso não era verdade porque Jon-Boy sabia tanto de matemática como um miúdo de sete anos e tinha tanto tino para o dinheiro como uma cigarra. Mas isso é outra história.

Lá me precipitava eu outra vez, detendo-me apenas um instante para espreitar pelas portas altas de madeira da pequena igreja de fachada lisa, rematada com um frontão clássico e uma pequena cruz com verdete. O exterior despretensioso conduzia a uma penumbra interessante com dourados trabalhados e frescos iluminados por velas tremeluzentes. Não entrava porque ia a caminho do bar para o meu café e *cornetto*, o pequeno-almoço básico de todos os italianos, entre os quais, após apenas um par de meses, já me contava.

– *Buon giorno*, Angelo.

Subia para o varão de latão, com os cotovelos apoiados no balcão. Puxando a trança por cima do ombro, mascava a ponta, oferecendo-lhe o meu sorriso sem dentes de miúda de sete anos.

Angelo encontrava-se na casa dos trinta, era um homem grande, de ombros largos, pescoço forte e cabelo hirsuto, com um rosto largo onde se encaixavam olhos castanho-escuros brilhantes e compridas pestanas lisas como as de uma vaca. Usava uma perpétua barba escura por fazer de onde os dentes refulgiam grandes e de um branco cintilante.

Eu mantinha uma espécie de flerte com Angelo, o primeiro da minha vida. De facto, não sabia o que era ser coquete até chegar a Roma e sentar-me com Jon-Boy nos cafés, observando mulheres bonitas e elegantes a caminharem um pouco mais devagar quando passavam, sorrindo-lhe com os cantos dos olhos, virando as cabeças e lançando-lhe um longo olhar doce que dizia o que quer que se dizia entre um homem e uma mulher. Eu praticava esta nova habilidade com Angelo que, como a maioria dos italianos com as crianças, me fazia a vontade e permitia que o dominasse por completo, algo que duvido conseguisse realizar hoje com algum homem.

– *Ciao, bella* – respondia, aceitando o meu dinheiro e entregando-me um *scontrino*, um recibo, que eu depois lhe devolvia em troca do meu pequeno-almoço.

Era assim que funcionavam as coisas em Itália. Angelo sabia qual era o meu «pedido» e estava já na máquina sibilante a preparar o meu *cappuccino*, uma bebida inventada pelos monges capuchinhos muito antes de se terem lembrado das máquinas de café expresso e a quem serei eternamente grata.

Angelo enchia a minha chávena de espuma, polvilhava-a com uma generosa camada de chocolate em pó e empurrava a chávena pelo balcão na minha direção. Escolhia o *cornetto* mais estaladiço, envolvia-o num pequeno quadrado de papel encerado e estendia-mo. O *cornetto*, o gelado italiano e a verdadeira piza italianos eram as minhas coisas preferidas no mundo. Adorava a maneira como a massa doce estaladiça rangia quando o mordia, salpicando-me a *T-shirt* de migalhas, e depois a doçura macia quando os meus dentes e papilas gustativas encontravam o recheio. Bebia um grande gole do *cappuccino*, limpava o pó do chocolate e as migalhas da boca com as costas da mão e oferecia um sorriso radiante ao meu herói.

– Que bom! – dizia, esquecendo-me de falar italiano, perdida como estava no prazer que sentia.

– Que bom! – retorquia e eu ria-me porque, vindo dele, soava divertido. – *Ecco*, então que fazes hoje? – continuava no italiano simples que eu já dominava. (Conjugar verbos era um mistério nunca decifrado.)

– Vou ao mercado em Campo de’ Fiori comprar salada para o jantar. – Dava uma palmadinha no dinheiro dobrado no bolso das calças de ganga, ufana da importância da minha tarefa.

– Vou comprar salada, queijo e presunto. E pão, claro.

– Mas não devias estar na escola?

Angelo fazia a pergunta que eu desconfiava ir assombrar os meus dias de infância em Roma. Eu encolhia os ombros com o ar mais indiferente possível, embora admitisse que estava a começar a ficar preocupada. E se a polícia me viesse buscar? Me prendesse ali mesmo na *piazza* com toda a gente a olhar? E se me levassem a reboque ao diretor da escola em frente de

todos os outros miúdos? A humilhação provocada por aquela ideia deixou-me de boca escancarada, o que não era muito bonito quando estava ainda meio cheia de *cornetto*, mas Angelo limitou-se a sorrir e deu-me uma palmadinha no ombro ossudo.

– Hei, sê feliz enquanto podes, *piccolina*. Recorda-te que a vida é curta.

E fez deslizar um segundo *cornetto* pelo balcão com uma piscadela de olho que dizia que era grátis, antes de ir atender os seus outros clientes, que se aglomeravam à espera da sua dose matinal de café.

A cafeína já me trovejava nas veias, fazendo-me acelerar ao passar pela Pizzeria Vesuvio, o meu restaurante favorito de pizzas, abrindo caminho por um labirinto de vielas familiares e esquivando-me ao trânsito veloz de Roma que não parava para ninguém passar.

Detinha-me por um momento na esquina de Campo de' Fiori a observar a praça apinhada. As barracas com os seus toldos estavam repletas de legumes e frutos cujos aromas me faziam comichão no nariz e o arco-íris de cores que formavam ofuscava-me os olhos. As vespas zumbiam em cima dos pêssegos e a algazarra das conversas das mulheres pairava no ar. Romanas elegantes, de pernas compridas, saias curtas e saltos altos, muito bem maquilhadas, muito bem penteadas, escolhiam minúsculas curgetes de flores amarelas e cogumelos húmidos de um cinzento-pomba com a mesma perícia das avós vestidas de negro, inspecionando cada peça com minúcia porque só o que fosse perfeito era aceitável.

A exposição de flores perto da fonte central envergonhava a de Adriana. Gladiolos altos cor de laranja, baldes cheios de rosas de tom coral, ramos de lírios de um branco-esverdeado cujo perfume sentíamos a vinte passos e, sempre, os cestos pequeninos de violetas de um roxo carregado. Comprei um desses para pôr no meu quarto; e um lírio branco, alto. Oferecê-lo-ia ao meu pai à mesa de jantar nessa noite, quando a

minha salada, queijo e presunto estivessem dispostos de forma artística em travessas ao lado de um copo de *Frascati*, o seu vinho branco preferido. Seria uma amostra do meu amor, porque nenhuma menina amou tanto o seu pai.

Arrastada de volta a uma noite fria em Chicago por uma súbita rajada de vento que espalhou as folhas de ficus pelo terraço, recordei-me de como me sentira nessa manhã em Roma, com o sol a bater-me quente nas costas e a minha trança a baloiçar. Como o sorriso branco e cintilante de Angelo me pusera o coração a bater forte, como o sabor açucarado do *cornetto* me estimulara as papilas gustativas e como o beijo preocupado de Adriana me fizera sentir tão querida. Consegui aspirar de novo o aroma dos lírios em Campo de' Fiori e sorri, percebendo de repente que o que recordava era essa esquiva emoção chamada felicidade.

Não o sabia naquela manhã soalheira em Roma, mas faltava-me conhecer a felicidade *verdadeira*. Essa «coisa autêntica» não chegaria senão no ano seguinte, quando Jon-Boy me levou para viver na casa de Amalfi. O sítio onde, dez anos depois, morreria de forma tão misteriosa.

2

O SOSSEGO DO MEU APARTAMENTO FOI ESTILHAÇADO PELO zumbido insistente do intercomunicador na portaria lá em baixo, sobressaltando-me dos meus sonhos e fazendo voar café frio da chávena.

– Credo! – exclamei, limpando o braço de *chenille* pálido da poltrona com um lenço de papel. – Oh, bolas, quem poderá ser?

Corri a atender o telefone interno na cozinha e proferi um «está» bastante irritado. O suspiro de Jammy soou como o vento a soprar lá fora.

– Terra chama Planeta Zero – disse com a voz aguda de menina que nunca perdeu e que só lhe aumenta o encanto e, se calhar, é por essa razão que, como Jackie Kennedy, a conservou.

Suspirei também, conhecendo o motivo da sua visita e o que ela me diria... outra vez. Jammy nunca foi de desistir.

– Está bem, sobe – retorqui, resignada.

– Não vou subir. Tu é que vais descer. Vou levar-te a tomar um copo e a jantar. E não me interessa o que tens vestido, põe só um casaco por cima das calças de ginástica; vamos apenas ao restaurante italiano do bairro.

– Mas são só cinco e meia – objetei, com um rápido olhar ao relógio da cozinha. – Não posso beber a esta hora.